

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

LUZ E SOMBRA — REPRESENTAÇÕES DA IDADE MÉDIA NO CINEMA

28 de Dezembro de 2022

YELEEN / 1987

A LUZ

um filme de SOULEYMANE CISSÉ

Realização e Argumento: Souleymane Cissé *Fotografia:* Jean-Noel Ferragut, Jean-Michel Humeau *Montagem:* Andree Daventure *Cenografia:* Kossa Mody Keita *Música:* Michel Portal, com a participação de Salif Keita *Som:* Daniel Olivier *Interpretação:* Issiaka Kane (Nianankoro, o filho), Aoua Sangare (Atton), Niamanto Sonogo (Soma, o pai e Dgigui, o tio), Soumba Traore (Mah, a mãe), Ismaila Sarr (Baffing), Koke Sangare (o chefe de Komo).

Produção: Souleyman Cissé para Les Films Cissé, Atriascop, Midas (Mali, 1987) *Cópia:* 35 mm, cor, versão original em Bambara e Peul com legendas em português, 103 minutos *Estreia em Portugal:* 27 de Janeiro de 1989, cinema Quarteto – sala 4.

Souleymane Cissé filma as montanhas e as culturas dos povos do Mali a partir da tradição oral bambara neste filme que o tornou conhecido e com o qual conquistou a Palma de Ouro de Cannes em 1987. YELEEN dá conta de um itinerário iniciático cujo protagonismo pertence a um jovem feiticeiro bambara em conflito espiritual com o pai (o confronto dos poderes mágicos em que assenta a fábula de YELEEN encontra a sua correspondência no conflito que opõe as personagens de pai e filho). Se o simbolismo do filme o inscreve na cultura do povo do Mali, as suas crenças e mitos ancestrais, o cruzamento da narrativa com a geografia do território que as personagens atravessam em viagem confere-lhe uma dimensão universalista que deixa escapar alguns fios à meada da história enquanto, pelo mesmo exacto motivo, lhe dá uma respiração mais livre.

Foi justamente esta dupla ambição do filme, um percurso sobre a terra africana que reenvia para uma dimensão universal, simultaneamente mítica e trágica, que chamou a atenção da crítica e do público, rendidos à simplicidade dos planos de Cissé e à sua mestria, para mais conhecidas que foram as muitas dificuldades de produção antes e durante da rodagem, da precaridade dos meios disponíveis à ocorrência de acidentes vários (uma tempestade de areia, a morte de um dos actores principais, Ismaika Sarr, que sucessivamente interromperam a rodagem de início, e ainda a necessidade de substituição do director de fotografia Jean-Noel Ferragut por doença, pouco depois do segundo recomeço das filmagens). Nenhuma delas demoveu Cissé. “A minha forma de vida é acreditar no futuro; se fosse fatalista, não poderia ser realizador. Nada me levava a fazer cinema. Foi a minha escolha. Queria ver as coisas e fazê-las serem vistas. Quando se tem esta curiosidade, não se pode ser fatalista.”

As palavras de Souleymane Cissé não se referiam especificamente às dificuldades que enfrentou em YELEEN, mas à actividade de realizador a que desde cedo se dedicou. Para traçar o seu percurso em algumas linhas, refira-se a cinefilia precoce que o pôs a ver filmes aos sete anos e o chegou a afastar da escola, prolongando-se durante o tempo de estudante em Dakar, no Senegal, e de novo no Mali onde regressou depois da independência, em 1960, até nova partida para a União Soviética para frequentar a escola de cinema e filmar as primeiras curtas-metragens em 1965, 1966 e 1968. É

de novo no Mali que desenvolve a actividade como profissional de televisão, realizando cerca de trinta filmes de actualidades e cinco títulos documentais. O primeiro longo, CINQ JOURS D'UNE VIE (1973), é também o seu primeiro filme em bambara. A passagem à longa-metragem de ficção acontece em-, com DEN MUSO ("A RAPARIGUINHA"), cuja pós-produção é feita em França ao abrigo dos acordos de cooperação, mas que é interdito no Mali durante três anos. Em 1978, realiza BAARA ("O TRABALHO"), premiado nos Festivais de Locarno, Namur e Carthage. Cinco anos mais tarde, FINYE ("O VENTO") é o primeiro de uma trilogia de filmes dedicados aos combates e mitologias africanos. YELEEN veio depois e a seguir WAATI ("O TEMPO", 1995). YELEEN, em que Cissé recua ao passado mítico ao contrário do que acontece nos seus outros filmes, ambientados no Mali contemporâneo, é a mais celebrada das suas obras.

A ela voltamos. Num guia de cinema africano, Sharon A. Russell nota como Cissé "reclama uma cultura que corre o perigo de ser esquecida por um mundo pós-colonial mais preocupado em aprender as ideias ocidentais do que em valorizar os seus próprios costumes". A premissa foi colocada pelo próprio realizador noutros termos: "O argumento surgiu num momento de tensão a todos os níveis. Por causa do medo de perder tudo. No Mali, como em toda a parte, as pessoas já não se reconhecem. Que cultura escolher? O que se possui na realidade? O que não se possui? Podemos ter a impressão de que um cataclismo se abateu sobre o continente africano... Ambientei a história dez séculos atrás para que os jovens reencontrem a noção profunda da sua cultura."

A dimensão ritual da narrativa é clarificada no início, com uma explicativa legenda inicial acerca dos símbolos mágicos da cultura Mali e o ritual do Komo enquanto corpo de conhecimento divino. O abutre, pássaro do espaço e do conhecimento, é o símbolo do Korê, a sétima etapa da iniciação social bambara. As duas armas são a Asa de Kôre e o Kokonkolanni, um pilão mágico que encontra aquilo que esteve perdido e castiga ladrões, traidores e perjúrios. Tanto um como outro "têm sido usados no Mali desde há séculos". Fim da legenda sobre fundo negro. O plano do nascer do sol que se levanta no deserto é então o verdadeiro começo – e também o final, que a outro nascer do Sol no deserto volta – neste filme de iniciação e de criação. Como antes se dizia, "o calor faz o fogo e os dois mundos (a terra e o céu) existirem através da luz".

A estrutura de YELEEN assume e reflecte a mesma dimensão mágica, uma estrutura circular e narrativamente pouco linear (a história avança por episódios e, por exemplo, as "edipianas" acções paralelas do pai, associado à asa de Korê, e do filho, associado ao pilão mágico, não são mostradas em montagem paralela, reforçando a noção circular do espaço e do tempo do filme), parte e volta da e para a luz inicial, que também percorre em tons dourados todo o filme de Cissé ("Cela s'appelle l'Aurore" escreveu Antoine de Baecque numa entusiástica análise de YELEEN publicada nos *Cahiers du cinéma*). No percurso do herói, há errância e sacrifícios. Só quando deixam de se opor para se reunirem, as duas armas mágicas, a asa de Korê e o pilão mágico, tiram os homens da cegueira e lhes permitem ver a luz. E ela é, no mínimo, bem tratada nos enquadramentos de Souleymane Cissé, que filma os corpos das personagens e as majestosas paisagens com a mesma atenção, o mesmo deleite, a mesma simplicidade longínqua a qualquer folclore.

Maria João Madeira